

QUEM SÃO OS TEIMOSOS?! UMA ANÁLISE DO PERFIL DOS MORADORES DO BAIRRO “VILA DOS TEIMOSOS”

Rosa Michele Vieira de Oliveira

Graduanda em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG -
Campus I) e membro do Programa de Educação Tutorial do curso de História (PET-
História).

rosavieira47@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o perfil da população de um bairro periférico do município de Campina Grande chamado “Novo Bodocongó”, conhecido popularmente como “Vila dos Teimosos”. Buscamos perceber que esse perfil possui uma raiz histórica, tendo em vista que precisamos levar em consideração o fato de que a “Vila dos Teimosos” é um bairro resultante de um processo de ocupação ocorrido no início da década de 1980. Para o desenvolvimento da nossa análise consideramos aspectos como escolaridade, profissão e os motivos que levaram estes moradores a vir morar no bairro. Para tanto, analisamos um conjunto de questionários aplicados com os moradores pelo subprojeto de pesquisa “A luta por moradia e a redefinição do espaço urbano em Campina Grande – 1964 – 1990” no ano de 1992.

Palavras-chave: Vila dos Teimosos; Bairro Periférico; Ocupação

Introdução

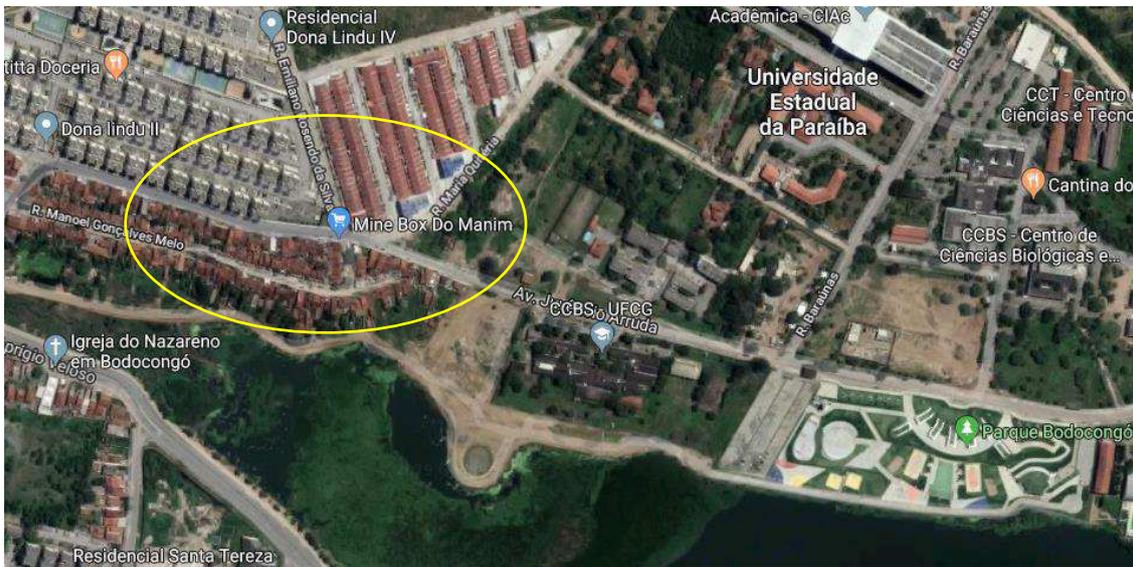
A questão da moradia no Brasil é um problema que se arrasta desde os seus primórdios, com a forma como as terras do país foram divididas e perpetuadas nas mãos dos mesmos grupos durante séculos. Desde a invasão dos portugueses no Brasil e, com isto, a divisão das sesmarias de forma completamente arbitrária ou com a lei de terras de 1850, que apenas reforçou o caráter exclusivista do domínio de terras, legitimando os latifúndios existentes, uma vez que a terra passou a ser comprada apenas por dinheiro e os mais pobres não tinham condições de obtê-las.

Com os processos de modernização do país, a partir do início do século XX, vimos a história do Brasil ser marcada por momentos de tensão envolvendo o território urbano e as reivindicações por moradia, conflitos entre uma classe cujo os interesses eram representados pelo Estado e outra que se via prejudicada pelas decisões tomadas por este mesmo Estado. Um exemplo bem emblemático disso foi o processo de modernização do Rio de Janeiro pelo prefeito Pereira Passos, sob o governo de Rodrigues Alves, processo esse que motivou a Revolta da Vacina (1904), pois tentava expulsar os pobres do espaço central da cidade na sua marcha pela higienização.

A partir do século XX, mais enfaticamente na segunda metade do século, vemos Campina Grande acompanhar esse processo de modernização e em meados do século já podemos observar alguns casos de ocupação de terrenos acontecendo. Casos como do Pedregal, Cachoeira, Malvinas e, nosso objeto, Vila dos Teimosos. A ocupação da Vila dos Teimosos também representa as marcas dessa forma de organização da cidade onde os mais pobres se veem cada vez mais empurrados para as margens das cidades, em locais com pouca ou nenhuma infraestrutura, como saneamento básico.

Esta ocupação se deu no ano de 1982 às margens do Açude de Bodocongó, local que ficava próximo a um prédio do IML (prédio que hoje já não mais existente nas redondezas do bairro) e do prédio do CCBS da UFCG (campus da UFPB na época). Com o tempo e a intervenção de figuras do governo as pessoas que antes moravam neste local acabaram migrando para um espaço um pouco mais afastado do Açude de Bodocongó, devido os problemas recorrentes nos períodos de chuva. Podemos observar melhor a localização do bairro na imagem abaixo, mais especificamente onde temos circulado de amarelo.

Imagem 1: Localização da Vila dos Teimosos.



Fonte: Google Maps (2019).

O contexto histórico em que a ocupação da Vila dos Teimosos se insere é o seguinte: por um lado, um grande fluxo de pessoas que vinham de regiões que circundam Campina Grande estavam se deslocando para a cidade (pessoas que, em grande parte, buscavam melhores condições de vida e emprego e que acreditavam que as encontrariam na zona urbana) e por outro, o crescimento populacional dentro da própria cidade que estava cada vez maior. Com o processo de modernização e industrialização pelo qual a cidade passava podíamos observar que de fato as oportunidades de empregos existiam, contudo, a forma acelerada como ocorreu o aumento demográfico repercutiu em graves problemas habitacionais na estrutura da cidade, “assim, as cidades vão se tornando mais congestionadas, superpovoadas, violentas e às voltas com uma infraestrutura deficiente em todos os aspectos, piorando a qualidade de vida dos velhos e novos moradores” (LIMA, 2012, p. 177).

Nessa busca para ter onde morar, vemos acontecer o nascimento da ocupação dos Teimosos. Como veremos mais à frente nas discussões que desenvolvemos, o perfil dos moradores muito tem a dizer sobre esse contexto ao qual nos referimos. Iremos observar, a partir de questionários do subprojeto de pesquisa do Prof. Dr. Iranilson Buriti “A luta por moradia e a redefinição do espaço urbano em Campina Grande – 1964 – 1990” que se encontram no SEDHIR (arquivo existente na UFCG), alguns aspectos como de onde

provinha a renda dessas pessoas, quantos eram alfabetizados, quantos eram oriundos do campo e, por fim, os motivos que os levaram a vir morar em Campina Grande, mais especificamente, na Vila dos Teimosos.

Mas antes de partimos para os dados, acreditamos que seja importante explicarmos o porquê desse nome “Vila dos Teimosos” que usamos aqui repetidas vezes. O nome oficial, e com isto quero dizer o nome que aparece nas buscas na internet e nas correspondências que chegam nele, é “Novo Bodocongó”, contudo ele é popularmente conhecidos por todos os moradores e mesmo por habitantes de outros bairros de Campina Grande por este nome de Vila dos Teimosos, isto se dá pelo seu processo de desenvolvimento.

Como dito anteriormente, trata-se de um bairro resultante de um processo de ocupação, este fato ocorreu em 1982, tendo início mais especificamente por volta de setembro deste ano. Durante esse processo os moradores tiveram que enfrentar grandes dificuldades para garantir seu direito à moradia, após conversas com os moradores atuais, alguns que chegaram a participar da referida ocupação, descobrimos que além de lidar com a repressão por parte da polícia, que por diversas vezes a mando dos governantes tentou despejar os moradores de suas humildes casas, o Açude de Bodocongó costumava encher facilmente e inundava os casebres dos moradores. Porém, no final nenhum desses elementos conseguiram expulsar os moradores que reconstruíam suas casas e resistiam todos dias, com isto, o local ficou conhecido como Vila dos Teimosos, pois seus moradores se recusavam a aceitar simplesmente as repressões e dificuldades que passavam e teimavam a se instalar naquele local.

De frente com os dados: detalhes sobre o perfil dos moradores da Vila dos Teimosos no ano de 1992

Os dados que aqui vamos analisar são do ano de 1992, fruto de um subprojeto de pesquisa do professor Iranilson Buriti intitulado “A luta por moradia e a redefinição do espaço urbano em Campina Grande – 1964 – 1990”. Esse projeto recolheu informações com os moradores de diversos bairros como Malvinas, José Pinheiro, Cachoeira, Monte Santo e Vila dos Teimosos. Quando analisamos as fichas de questionários referentes a

Vila dos Teimosos pudemos observar que ao todo 32 pessoas responderam as questões postas pelo subprojeto, sendo entre elas 11 homens e 21 mulheres, com idades variantes entre 28 e 88 anos. Como podemos ver na tabela abaixo:

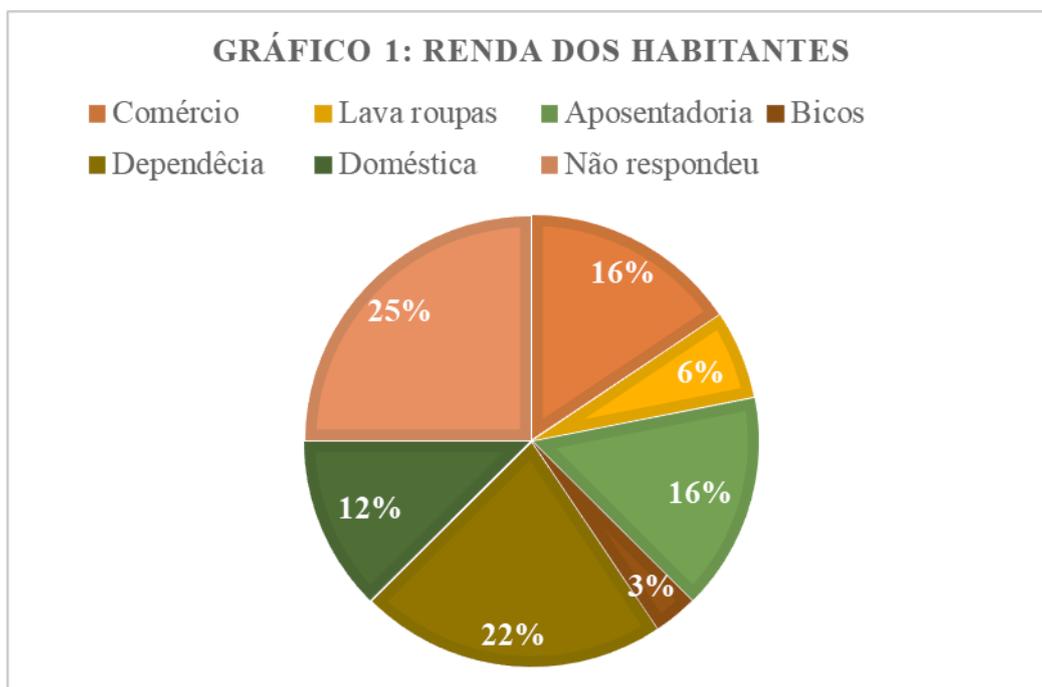
Tabela 1 – Pessoas consultadas

Homens	Mulheres	Total
11	21	32

Fonte: Elaborada pela autora com base nos documentos do subprojeto já mencionado.

Ainda dentro desse universo de pessoas, foi questionado também qual era a fonte de renda de cada um. Neste caso, vinte quatro pessoas responderam e outras oito não. Os dados coletados foram de que cerca de 16% da população da Vila dos Teimosos trabalhava neste ano com comércio, mais especificamente vendendo coisas como picolé e água sanitárias e alguns possuindo pequenos fiteiros/bodegas. Outros parte, cuja soma gira em torno de 6% trabalham lavando roupas para outras pessoas, 16% dos moradores eram aposentados (as).

Cerca de 3% não possuíam nenhum tipo de renda fixa, mas trabalhavam com “bicos”, que eram basicamente empregos temporários e ocasionais, 12% são domésticas e trabalham em casas fazendo faxina, 22% não trabalham e dependiam financeiramente de outras pessoas (como maridos e mães) e, por fim, 25% das pessoas consultadas não responderam ao questionamento sobre qual era sua renda naquele momento. Podemos observar esses dados mais claramente no gráfico a seguir.



Fonte: Elaborada pela autora com base nos documentos do subprojeto já mencionado.

Com isso, podemos perceber que todas as pessoas que responderam sobre sua fonte de renda não possuem nenhum tipo de vínculo empregatício, sendo adeptos de trabalhos que são, em geral, autônomos como são os casos das pequenas vendas em casa e fornecimento de serviços, como lavar roupas e faxinas. Ainda, uma grande quantidade de pessoas (mais especificamente mulheres) dependem financeiramente de seus maridos e não trabalham de forma alguma. Percebemos então que o perfil econômico desse bairro é claramente de pessoas pobres, levando em conta as profissões e formas de trabalho citadas acima.

Outro fator observado foi a escolarização dos moradores, mais especificamente se essas pessoas sabiam o básico: ler. Consideramos este como um traço marcante para pensarmos sobre quem são essas pessoas que chamamos aqui de “Teimosos”. A partir deste questionamento pudemos perceber que uma quantidade muito grande de pessoas que residiam nesse bairro no ano de 1992 não era alfabetizada, um problema dos documentos que tivemos acesso é que não é possível saber quais foram os motivos que levaram essa fração tão alta da população a não ser alfabetizada, se era devido à falta de escolas onde viviam, falta de apoio para garantir a permanência deles na escola ou

quaisquer outros motivos que tenham levado a esses resultados. De toda forma, os dados alcançados são os seguintes:

Tabela 2 – Pessoas alfabetizadas

Sabem ler	Não sabem ler	Não responderam
9	22	1

Fonte: Elaborada pela autora com base nos documentos do subprojeto já mencionado.

Ou seja, 69% da população da Vila dos Teimosos é composta por pessoas pobres que não foram alfabetizadas, que podem ou não ter tido acesso à escola. Este é um dado alarmante do descaso público e a falta de oportunidade de acesso e/ou permanência das nossas populações pobres à escola.

A origem dessas pessoas também é um elemento interessante que dialoga com uma questão bem marcante na história do desenvolvimento das cidades a partir do século XX, em especial a partir dos seus meados. Uma das causas do aumento acelerado de pessoas nas cidades, o conhecido crescimento demográfico do século XX, foi o êxodo rural. Em busca de melhores condições que supostamente a cidade ofereceria muitas pessoas abandonaram o campo e partiram para os centros urbanos, mas não apenas para o eixo Rio – São Paulo como pode-se imaginar, o aumento nas cidades de menor porte também foi considerável, vamos observar os números apurados ao se questionar a origem dos Teimosos:

Tabela 3 – Local de origem

Cidade	Campo	Não responderam
9	22	1

Fonte: Elaborada pela autora com base nos documentos do subprojeto já mencionado.

Como é possível observar, cerca de 69% da população consultada respondeu que sua origem é a zona rural. Além disso, podemos pontuar também que muitas pessoas vieram de cidades da Paraíba, ou seja, não apenas da zona rural de Campina, mas de zonas rurais de outras cidades também, é o caso de Esperança, Alagoa Nova, São José da Mata (distrito de Campina Grande), Puxinanã, Teixeira, Juazeirinho, Patos, Souza, Areial,

Piancó, Alagoa Grande e Alcantil. Também houve casos de pessoas que vieram de cidades de fora do estado, como Equador (RN), Afogados de Ingazeira (PE), Iguaracy (PE) e do Ceará (cidade não especificada).

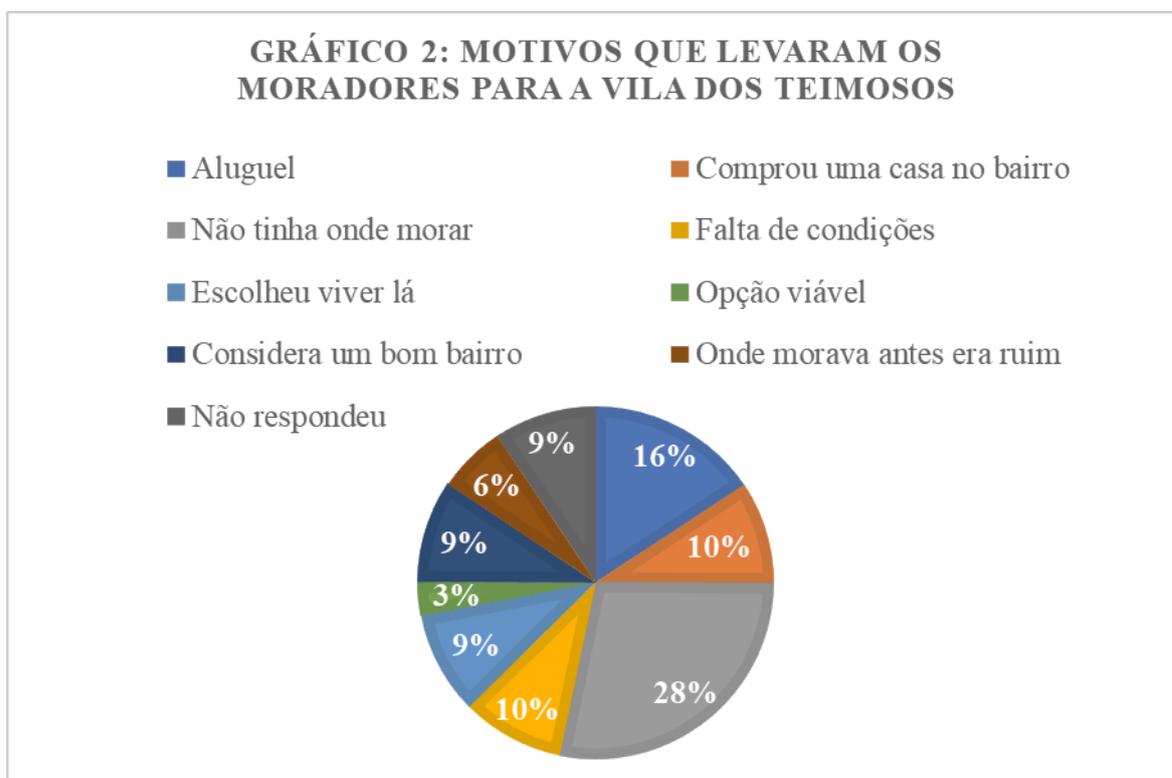
Juntando todos esses dados que citamos até o momento ao longo deste artigo podemos dizer que tínhamos na Vila dos Teimosos no ano de 1992 uma população pobre, que trabalhava de forma autônoma e com atividades de pouca remuneração, uma maioria não alfabetizada e com origens rurais. Essa é de fato uma realidade bastante recorrente dentro do contexto ao qual nos referimos, se pensarmos nos bairros periféricos existentes não apenas em Campina Grande, mas também em outras localidades do Brasil. Sobre esse quadro seguimos as observações traçadas por Lima ao se referir às migrações de pessoas da zona rural para a zona urbana,

Para os imigrantes, os grandes centros urbanos passam de ponto de atração a martírio em pouco tempo. Estes novos moradores, em sua maioria, chegam aos grandes centros, em péssimas condições físicas, psicológicas e financeiras, além de a maioria ter pouca ou nenhuma qualificação profissional. Consequentemente, terão dificuldades de adaptação às novas condições de vida e trabalho o que os obriga a se ocuparem em atividades com baixa remuneração e fixarem residência em favelas ou em áreas de risco, próximo a rios, mangues e encosto de morros, na periferia dos grandes centros, em condições tão precárias, quanto às que os expulsaram de sua terra natal.

Essa imagem descrita acima é justamente o que percebemos ao nos defrontar com os dados sobre a população da Vila dos Teimosos no ano de 1992 (apenas 10 anos depois do início da ocupação), como já viemos observando. Fica claro que não é uma mera coincidência o fato de que ao observamos o perfil dos moradores de uma área com este tipo de formação histórica a sua grande maioria dos moradores (se não, todos) seja de homens e mulheres pobres que ocupam seu tempo com trabalhos que não oferecem boas condições de remuneração, isso quando não se veem desempregados e dependendo da renda de outras pessoas para sobreviver.

O elemento que iremos observar por último mais uma vez ajuda a evidenciar ainda mais essa característica da pobreza (característica esta que já enfatizamos algumas vezes ao longo deste artigo), vemos os dados sobre os porquês dos (as) moradores (as) da Vila dos Teimosos terem decidido ir morar nesta área mesmo sabendo que esta não possuía o mínimo de infraestrutura necessária para viver nela.

Ao observar no gráfico a seguir podemos observar que nele a maioria das pessoas que em 1992 estavam morando na Vila dos Teimosos estavam neste bairro porque não tinham outra opção de onde morar, ou seja, 28% das pessoas confirmaram que não tinham nenhuma outra alternativa senão viver ali, pois não tinham condições (financeiras) para viver em outro lugar. Outras pessoas, equivalentes a 16%, disseram que foram morar na Vila dos Teimosos porque pagavam aluguel onde moravam antes e com isso concluímos que mais uma a questão financeira foi determinante para que essas pessoas fossem morar neste bairro.



Fonte: Elaborada pela autora com base nos documentos do subprojeto já mencionado.

Em seguida vemos com 10% dois motivos: o fato de terem comprado uma casa no local e a falta de condições para viver em um lugar que considerassem melhor, ambas nos parecem serem bastante parecidas. Se por um lado temos a falta de condições para viver em um lugar “melhor” (leia-se, provavelmente, com uma estrutura adequada e uma localização mais próxima das outras áreas da cidade), ter comprado uma casa neste bairro e não em outro lugar nos leva a crer que essas pessoas também não tinham condições para

comprar uma casa em um bairro melhor (“melhor” levando em consideração os critérios citados anteriormente).

Com 9% temos outros dois motivos: o primeiro de que escolheu viver neste bairro e o segundo o fato de considerar o bairro bom para se viver. Essa mesma quantidade de pessoas não responderam o questionamento sobre os motivos de ter ido morar na Vila dos Teimosos. Outros 6% afirmaram que o bairro/cidade onde moravam antes de se mudarem para a Vila era ruim e por isso escolherem a Vila dos Teimosos para viver e, por fim, 3% disseram que precisavam de um lugar para morar e a Vila foi a opção viável que lhes apareceu naquele momento.

Dessa forma, observamos que a maioria dos moradores da Vila dos Teimosos não fizeram, necessariamente, uma escolha ao vir morar neste bairro. Na verdade, muitos desses moradores se viram quase obrigados pelas condições que vivenciavam a ir morar naquele lugar, apesar das dificuldades que poderiam enfrentar em um bairro com pouca ou quase nenhuma infraestrutura (sem calçamento, esgoto, afastada das demais áreas da cidade na época, próxima a um açude que costumava sangrar e inundar as casas e com vegetação alta por todos lados).

Conclusão

A Vila dos Teimosos, ou Novo Bodocongó, é um bairro que sua existência em si conta um pouco sobre a história da cidade de Campina Grande. Nos fala sobre como a existência de processos excludentes ao longo do processo de formação da cidade resultaram em situações pouco favoráveis para muitos de seus moradores, em especial, a população mais carente que nela vive, levando-os a vivenciar experiências que levavam a precisar buscar diferentes formas para sobreviver, dadas as condições objetivas nas quais eles estavam inseridos.

Essa ocupação ocorrida em setembro de 1982, como relatado por moradores e possível de se confirmar através de jornais da época, representa a forma como os espaços da cidade não foram pensados dando prioridade aos anseios da população mais pobre, de trabalhadores e trabalhadoras. Tendo em vista que podemos observar além da repressão

sofrida por eles (que deu nome ao bairro), a falta de políticas que acolhessem essas pessoas advindas, em sua maioria, do campo.

O perfil por nós observado, foi de uma população bastante fragilizada, homens e mulheres com poucas opções para exercer seu direito à moradia. Eram trabalhadores e trabalhadoras autônomos (as), domésticas, lavadoras de roupa, aposentados (as), donos de pequenos fiteiros e outros sem qualquer outro tipo de renda que dependiam de outras pessoas, vivendo em um local com pouco ou praticamente nenhum resquício de saneamento básico.

Como dito anteriormente, em sua maioria oriundos da zona rural, seja esta da própria cidade de Campina Grande, de cidades circunvizinhas ou mesmo de outros estados como Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará. Pouco letrados, uma vez que mais da metade da população consultada não possuía pouco ou nenhum grau de escolarização, a ponto de não saber ler.

Isso faz com que nos questionemos sobre que tipo de cidades vivemos onde enquanto parte da população vive luxuosamente ou onde inúmeros imóveis permanecem vazios esperando aumentar sua valorização (uma das formas de especulação imobiliária) e sem exercer sua função social, outro conjunto de pessoas (este bem maior) vive em situações de grande pobreza e sob condições que além de poderem prejudicar sua própria saúde, exige deles enfrentar situações de repressão. Com isso, finalizamos com a provocação de David Harvey em sua obra *Cidades Rebeldes*, pois acreditamos ser urgente a necessidade de refletir sobre estas questões,

O direito à cidade é, portanto, muito mais do que um direito ao acesso individual ou grupal aos recursos que a cidade incorpora: é um direito de mudar e reinventar a cidade mais de acordo com nossos mais profundos desejos. Além disso, é um direito mais coletivo que individual, uma vez que reinventar a cidade depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo sobre o processo de urbanização. A liberdade de fazer e refazer a nós mesmos e a nossas cidades [...] é um dos nossos direitos humanos mais preciosos, ainda que um dos mais desprezados. Qual seria, então, a melhor forma de exercê-lo?

REFERÊNCIAS

ARRUZZA, C.; BHATTACHARYA, T.; FRASER, N. *Feminismo para os 99%: um manifesto*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

GOHN, Maria da Glória. *Novas teorias dos movimentos sociais*. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

HARVEY, David. *Cidades Rebeldes: Do direito à cidade à revolução urbana*. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins Fontes, 2014.

KOWARICK, Lúcio (Org.). *As lutas sociais e a cidade: São Paulo, passado e presente*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

LIMA, Damião de. *Campina Grande sob intervenção: a ditadura de 1964 e o fim do sonho regional/desenvolvimentista*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.